

As alusões míticas na ode *Olímpica II* de Píndaro: uma análise crítico-literária¹

Lene Tjorhom

RESUMO:

A finalidade do presente artigo é fazer uma análise crítico-literária da ode *Olímpica II*, considerada uma das obras-primas de Píndaro. Por ser o elemento mítico importante nesse subgênero da poesia lírica arcaica, cujo objetivo principal é louvar o atleta vencedor num jogo desportivo, investiga-se a função do mito na estrutura do canto agonal e a relação dessa narrativa com o atleta homenageado, o tirano Terão de Agrigento. Também são observados outros elementos como as sentenças gnômicas, as referências pessoais ao próprio poeta e os louvores direcionados ao atleta.

Palavras-chave: poesia lírica; epinício; mito; Píndaro; ode *Olímpica II*.

Introdução

No séc. VI a. C., houve “uma explosão de interesse pelo atletismo” (CAREY, 2010, p. 22), tendo ocorrido, também nessa época, o florescimento do epinício, canto destinado a louvar, em geral o atleta vencedor em um jogo desportivo. Nesse subgênero da poesia lírica arcaica, destacou-se o poeta Píndaro, do qual nos chegaram 45 epinícios conservados quase em sua totalidade, algo que é bastante notável, pois a maior parte da poesia lírica remanescente está em estado muito fragmentado.

Entre os epinícios pindáricos, destacamos como objeto de análise a ode *Olímpica II*, que é, afirma Rocha Pereira (1952, p. 7), “uma das mais belas e famosas

¹ Este trabalho constitui parte da pesquisa de Iniciação Científica (Bolsa FAPERJ), realizada entre setembro de 2012 e agosto de 2013 no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da professora Dra. Glória Braga Onelley (UFF) e a coorientação da professora Dra. Shirley Fátima G. de A. Peçanha (UFRJ), estando vinculado ao projeto interinstitucional UFF/UFRJ desenvolvido pelas referidas professoras, *As odes Olímpicas: introdução, tradução, comentários e notas*.

odes de Píndaro”. Race (1986, p. 67), por sua vez, assegura ser também a ode em questão uma das obras-primas de Píndaro, poema que, além de gerar interesse entre os estudiosos de hoje, também era muito admirado na Antiguidade. À guisa de ilustração, citamos com Race (*apud* RACE, 1986, p. 69) os versos iniciais da ode XII do livro *Carminum Liber Primus* de Horácio, dedicada a Augusto, na qual se imitam os primeiros versos da ode *Olímpica II*:

*Quem virum aut heroa lyra vel acri
tibia sumis celebrare, Clio?
quem deum?*²

A ode *Olímpica II* é dedicada ao tirano Terão de Acragas, hoje Agrigento, por sua vitória no jogo mais prestigiado entre todas as modalidades atléticas: a corrida de carros com quatro cavalos (HIRATA, 1996-97, p. 61). Esse prestígio se devia ao alto custo de criar e treinar cavalos, dado que limitou a prática desse esporte somente aos mais abastados.

Como o nome da ode indica, ela celebra uma vitória alcançada nos Jogos Olímpicos, uma das quatro grandes competições desportivas na Grécia. Píndaro também compôs epinícios para as outras três: os jogos Píticos, os Ístmicos e os Nemeus. No final do século II a.C., esses poemas foram organizados por Aristófanes de Bizâncio em quatro coletâneas, conforme a vitória celebrada.

Sobre o poeta, pouco se sabe com certeza. As fontes são vagas e ambíguas, e mesmo quando o poeta faz referência à primeira pessoa na poesia, convém não considerar essas indicações como dados biográficos, haja vista não ser a obra literária autobiográfica. Sabe-se que Píndaro era natural de Tebas e que viveu em fins do VI e inícios V século a.C. (522-438 a.C.), muito embora a data exata seja questionada. Podemos notar, nas odes triunfais, o relevo dado aos valores aristocráticos, também

² Que homem ou herói, com a lira ou com a aguda flauta,
pretendes celebrar, Clio,
que deus? (Tradução nossa)

presentes na ode *Olímpica II*. Com efeito, se o próprio Píndaro fazia parte da aristocracia, há a esse respeito opiniões divergentes entre os estudiosos.

Uma característica importante na poesia de Píndaro é a religiosidade eclética. Acerca dessa questão, costuma-se dizer que o “eu” poético “recusa-se a aceitar mitos que atribuem aos deuses atitudes pouco edificantes” (ROCHA PEREIRA. 2006, p. 221), e, às vezes, apresentam-se versões de mitos que possivelmente refletiam mais a religião do mecenas homenageado.

Propomo-nos fazer uma análise crítico-literária da ode *Olímpica II*. Por ser o mito um elemento principal na composição do epinício, será dado enfoque às alusões míticas e suas relações com o destinatário da ode. Em particular, será objeto de estudo o destino *post-mortem* dos homens em relação ao mito da Ilha dos Bem-Aventurados. Essa análise será feita com base na tradução do original grego para o vernáculo, realizada pelas professoras Glória Braga Onelley (UFF) e Shirley Peçanha (UFRJ), respectivamente, orientadora e coorientadora da presente pesquisa.

1.1. A Ode Olímpica II

a Terão de Agrigento, vencedor na corrida de carros de cavalos (476 a. C.)

Estrofe 1

Hinos, soberanos da lira,
que deus, que herói, que homem celebraremos?
Na verdade, Pisa é de Zeus; os Jogos Olímpicos
instituiu-os Héacles
como primícias da guerra.
5 Mas Terão, graças a sua vitória na quadriga,
deve ser celebrado, ele que é o observador justo dos hóspedes
o baluarte de Agrigento,
o melhor condutor da cidade de ilustres ancestrais,

Antístrofe 1

os quais, tendo suportado muitas dores em seu coração,
obtiveram uma sagrada morada à beira do rio, e foram

- 10 o olho da Sicília; e o tempo seguia marcado pelo destino,
concedendo riqueza e glória
às suas virtudes inatas.
Pois bem, ó Crônida, filho de Reia, que reges a sede do Olimpo,
o cimo dos jogos e o curso do Alfeu,
deleitando-te com meus cantos
protege-lhes, benevolente, doravante, a terra dos ancestrais

Epodo 1

- 15 para a geração vindoura. Das ações realizadas
justa e injustamente
nem o Tempo, pai de todas as coisas,
poderia pôr-lhes fim aos atos.
Mas o esquecimento, com uma boa sorte, poderá surgir.
Sob as nobres alegrias, o sofrimento perverso,
20 dominado, esvai-se,

Estrofe 2

- quando o Destino divino conduz
às alturas a sublime felicidade. Este preceito harmoniza-se
com as filhas de Cadmo, de belos tronos, que muito sofreram.
Mas a dor insuportável desaparece diante de bens maiores.
25 Vive entre os Olímpicos a que morreu fulminada pelo estrondo
do raio, Sêmele, de longas madeixas; ama-a
sempre Palas
{ amam-na também as Musas }
e também Zeus pai, e ama-a, mais ainda, o filho coroado de heras.

Dizem que no mar,
entre as filhas marinhas de Nereu, uma vida imperecível
30 foi dada a Ino para todo o sempre.
Na verdade, dos mortais não está fixado
o termo da morte,
nem quando acabaremos um dia tranquilo, filho do Sol,
com um bem indestrutível.
Correntes, ora umas ora outras,
com alegria e sofrimentos, chegam aos homens.

35 Assim a *Moirá*, que detém a boa sorte
ancestral desta família, com a felicidade divina,
traz também algum sofrimento,
que causa mudança em outro tempo.
Desde o dia em que o filho predestinado num encontro matou Laio,
cumpriu o oráculo
40 há muito tempo anunciado em Delfos.

Ao vê-lo, a Erínia de olhos penetrantes
destruiu-lhe a raça belicosa, às mãos uns dos outros;
mas, enquanto Polinices foi morto, Tersandro,
45 que foi honrado nos concursos juvenis
e nos combates bélicos,
sobreviveu, rebento protetor da casa dos Adrastidas
Por isso, convém que
o filho de Ainesidamos, cuja raiz provém desse sêmen,
receba encômio e melodias das líras.

Em Olímpia, ele mesmo
50 obteve o prêmio; em Delfos e também no Istmo,
as Graças, em conjunto, trouxeram para o irmão, que compartilha
a mesma herança, as coroas dos vencedores em quadrigas,
na corrida de doze voltas; o êxito,
quando se experimenta a disputa, dissipa as inquietações.
Certamente a riqueza, adornada de talentos,
propicia a oportunidade
de uma e de outras coisas, submetendo o profundo espírito inquieto,

Epodo 3

55 astro brilhante, a riqueza, esplendor extremamente verdadeiro
para o homem! Se quem a possui conhece o futuro,
isto é, dos que morreram aqui
logo os espíritos perversos
expiam as faltas, e os delitos cometidos neste reino de Zeus
alguém os julga sob a terra,
60 proferindo uma sentença com hostil necessidade.

Estrofe 4

Em noites sempre iguais
e tendo a luz do sol em dias também iguais,
os nobres recebem uma vida menos penosa, já que não
revolvem a terra com a força de seus braços
nem a água do mar,
65 em prol de uma vã subsistência, mas, junto aos honrados
pelos deuses, os que se alegraram com a fidelidade ao juramento
passam uma vida em lágrimas,

e os outros suportam um castigo que não se pode ver.

Antístrofe 4

Mas quantos ousaram,
permanecendo de um e de outro lado, por três vezes,
70 afastar completamente sua alma das injustiças,
esses percorreram o caminho de Zeus até a
fortaleza de Cronos; aí, em volta da ilha dos Bem-Aventurados,
sopram as brisas oceânicas; flores de ouro brilham,
umas da terra, oriundas das árvores luminosas,
outras, a água as nutre;
dessas flores entrelaçam com guirlandas as mãos e as coroas,

Epodo 4

75 sob as justas decisões de Radamanto
que o grande pai de todos tem como seu eminente assessor,
o esposo de Reia,
a que ocupa o trono mais elevado.
Peleu e Cadmo são estimados entre eles.
A mãe trouxe Aquiles, depois que,
80 com súplicas, comoveu o coração de Zeus.

Estrofe 5

Foi ele quem matou Heitor,
baluarte inexpugnável e inabalável de Troia, e levou Cicno à morte
e também o Etíope, filho da Aurora. Eu tenho muitas
rápidas flechas,
debaixo do braço na aljava,
85 compreensíveis aos inteligentes; para a massa há necessidade
de intérpretes. Sábio é aquele que conhece, por natureza, muitas coisas,
mas os que aprenderam, como corvos violentos,

que grasnem em vão em sua loquacidade

Antístrofe 5

contra a ave divina de Zeus!

Agora, aponta o arco para o alvo: vai, meu coração! Quem devemos

[atingir

90 de novo, lançando de nosso delicado ânimo
as gloriosas flechas?

Tendo-as apontado para Agrigento,

proclamarei uma sentença sob juramento, com pensamento verdadeiro:

que , em cem anos, nenhuma cidade gerou

homem mais generoso de alma para os amigos

e de mão liberal

Epodo 5

95 do que Terão. Mas a saciedade supera o elogio

quando não está associada à justiça, mas, por meio de homens

[insensatos,

o murmúrio pretende ocultar as belas ações

dos nobres, já que a areia escapa ao cálculo.

E todas as alegrias que ele deu aos outros,

100 quem as poderia enumerar?

Tradução de Glória Braga Onelley e Shirley Fátima G. de A. Peçanha

1.2. Análise da ode *Olímpica II*

A ode *Olímpica II* foi composta em 476 a.C. para celebrar a vitória de Terão de Agrigento, na corrida de carro com quatro cavalos, nos Jogos Olímpicos (KIRKWOOD, 1982, p. 61). Sabe-se que Terão não atuava diretamente nessa corrida, mas que um atleta profissional estava concorrendo em seu lugar (LOURENÇO, 2009, p. 25).

Cinco tríades constituem a ode, um tamanho típico para epinícios pindáricos celebrando vitórias nos jogos em Olímpia (KIRKWOOD, 1982, p. 13). Ao fazer um primeiro esboço à estrutura, dividimos a ode em cinco partes: elogio ao atleta e a seus ancestrais (vv. 1 – 15), evocação aos ancestrais míticos de Terão (vv. 15 – 46), elogio ao atleta e a seu irmão (vv. 47 – 56), a escatologia (vv. 56 – 83) e a autoafirmação do eu poético e o elogio ao atleta (vv. 83 - 100).

A primeira parte, além de incluir o primeiro elogio ao atleta, inicia-se com uma invocação (v. 1), seguida de uma pergunta retórica - “que deus, que herói, que homem celebraremos?” - direcionada aos Hinos, das divindades que são invocadas (v. 2), da resposta à pergunta retórica, da qual o elogio faz parte (vv. 3 – 11), e, por fim, de uma prece a Zeus (vv. 12 – 15). A resposta à pergunta retórica identifica as três figuras importantes para a realização da vitória, seguindo a mesma ordem que a pergunta: deus, herói, homem. A divindade é Zeus, a quem os Jogos Olímpicos eram dedicados; em seguida vem Hércules, o herói mítico fundador dos Jogos Olímpicos, e, ao final, o próprio Terão, cada um com uma ligação direta com os Jogos Olímpicos. Race (1986, p. 68) contribui com uma outra reflexão acerca dessa trindade: deus, herói e homem. Nos epinícios, em geral, as três figuras têm papéis fundamentais para o êxito atlético. Pois elas constituem os

[...] três níveis básicos do epinício. Os deuses são os primários; como Píndaro diz na *Pít.* 1.41: “os deuses fornecem todos os meios para as realizações humanas (*aretais*).” Os heróis fornecem os modelos de *areta* humana. E o homem, por meio da sua vitória em Olímpia (com tudo que ela representa), mantém essa herança viva.”³ (Tradução minha).

Race (1986, p. 68) continua seu raciocínio ligando esses três níveis básicos do epinício a três aspectos temporais do mesmo gênero. Para ele,

os deuses representam a infinidade (por serem imortais), porém, em especial, o futuro: frequentemente, eles são solicitados a fornecer bênçãos para o futuro. Os heróis representam o passado: seus feitos,

³ "(...) the three basic levels of his victory odes. The gods are primary; as Pindar says in *Pyth* 1.41: "the gods provide all the means for human achievements (*aretais*)". The heroes provide the models of human *areta*. And the man, by his victory at Olympia (with all that it represents), has kept alive that heritage."

preservados em lenda, fornecem um paradigma de conduta pessoal e social. O homem, em cada ode, é a personificação, no presente, dessa *areta* de inspiração divina, oriunda da tradição heroica.”⁴ (Tradução minha)

Esses aspectos temporais serão recorrentes na ode, sendo introduzidos já nessa primeira parte. O presente é expresso com o elogio a Terão, no qual são destacadas duas qualidades: sua generosidade aos hóspedes e sua capacidade de ser um bom governante para seus súditos. Em seguida, voltamos para o passado, quando o sujeito lírico inclui, no elogio, os ancestrais ilustres da cidade. Estes, no entanto, não são nomeados. A voz poética apenas se refere às dores que sofreram no passado, antes de se estabelecerem em Agrigento, onde o destino, depois, lhes concedeu riqueza e glória. A prece, no final da primeira parte, é ligada ao futuro. Por meio dela, o poeta pede ao “Crônida, filho de Reia”, ou seja, a Zeus, proteger Agrigento “para a geração vindoura” (vv. 12 - 15). Race (1986, p. 68) comenta ainda que Terão, que em seu momento presente, está localizado entre um passado de muito luta e um futuro incerto que só o próprio Zeus controla.

Nisetich (1988, p. 4) identifica três temas principais que são introduzidos nos versos 5 – 11; em relação a Terão, a hospitalidade e a justiça, e aos ancestrais, as vicissitudes, já que estes passaram de uma situação na qual superaram “muitas dores em seu coração” (v. 8) para, depois de terem se estabelecido na Sicília, receberem do destino “riqueza e glória às suas virtudes inatas” (vv. 9 – 11).

O tema das vicissitudes é retomado na sentença gnômica que introduz a segunda parte da ode. Nesses versos, 15 – 22, o eu lírico reflete acerca dos infortúnios do passado que nem o tempo pode mudar, mas que podem ser esquecidos com as coisas boas e as alegrias que vêm depois. Como se constata em seguida (vv. 22-3), essa verdade, para tornar-se mais clara, é exemplificada com os mitos de Sêmele e de Ino, as filhas de Cadmo.

⁴ "The gods represent all time (since they are immortal), but especially the future: they are constantly requested in the odes to provide future blessings. The heroes represent the past: their deeds, preserved in legend, provide paradigms of personal and social conduct. The man in each ode is the present embodiment of this divinely inspired *areta* in the heroic tradition."

É interessante notar que, na evocação a Sêmele e a Ino, o sujeito poético só menciona que elas sofreram, sem entrar em detalhes sobre esses eventos. Lembramos que as aflições das duas tinham sido causadas por Hera. Grimal (2011, p. 414) conta que Sêmele, por ser amada por Zeus e conceber com ele o filho Dioniso, é enganada por Hera em disfarce, e, ao pedir a Zeus para mostrar-se em seu esplendor divino, morre fulminada. Quanto a Ino, conta-se que ela quis recolher seu sobrinho órfão para criá-lo como seu, mas foi enlouquecida por Hera e, por conseguinte, matou seus próprios filhos e cometeu suicídio depois, lançando-se ao mar e transformando-se em divindade marinha (GRIMAL, 2011, p. 277). Na ode, o eu poético só menciona que Sêmele foi fulminada por um raio, não havendo em relação a Ino detalhe algum sobre o que tinha acontecido com ela.

A omissão dos horrores do passado das filhas de Cadmo pode ser justificado por razões morais. De fato, segundo Rocha Pereira (2006, p. 221), é uma característica da poesia pindárica a religiosidade eclética para qual não são aceitos “mitos que atribuem aos deuses atitudes pouco edificantes”. A divindade cujo comportamento negativo não se menciona é a esposa de Zeus, Hera. Por outro lado, além dessa questão moral, verifica-se que a omissão desses detalhes reflete muito bem a sentença gnômica anterior sobre o esquecimento das coisas do passado. Nesse caso, convém não enfatizar os sofrimentos, deixando-os no esquecimento, para que seja sublinhada a felicidade desfrutada por ambas as mulheres como divindades: Sêmele, como deusa no Olimpo, e Ino, como uma divindade que vive entre as ninfas do mar. A felicidade - Sêmele, residindo no Olimpo, amada por Palas, pelas Musas, por Zeus e por seu filho Dioniso e recebendo assim várias formas de amor, e Ino, com uma vida imperecível- faz esquecer qualquer infortúnio de suas vidas como mortais.

Antes de passar para a segunda alusão mítica na ode, o mito de Édipo e seus dois filhos, há uma sentença gnômica sobre a condição humana, de não se saber quando a vida termina e quando vem a boa ou a má fortuna (vv. 30-5). De novo, retoma-se o tema das vicissitudes, mas, como Nisetich (1988, p. 5) percebe em relação a Édipo e a seus descendentes, diferentemente do mito sobre as filhas de Cadmo, a felicidade não será

atingida no final da vida desses três homens, mas apenas com a terceira geração, com Tersandro que, como se diz no verso 46, é o ascendente direto do próprio Terão.

Essa alusão mítica refere-se ao conhecido parricídio causado por Édipo. O assassino do pai não é mencionado pelo nome, mas indiretamente como o filho predestinado que “num encontro matou Laio” (vv. 38 – 9). Já que o mito era de conhecimento geral, a audiência do poeta saberia de quem se tratava. Kirkwood (1982, p. 69) sugere a ocorrência de uma outra alusão indireta, segundo a qual “a Erínia de olhos penetrantes” (v. 41) faz lembrar da cegueira de Édipo causada por ele próprio. A ode mostra como a Erínia vai vingar o crime de sangue cometido por Édipo e destruir sua família, levando os dois filhos, Etéocles e Polinices⁵, a lutarem entre si e a morrerem pela espada um do outro.

Mas a mácula do parricídio não passa para o filho de Polinices, Tersandro, que, segundo a *Olímpica* II (v. 43), teve sucesso e foi honrado por sua participação tanto em jogos como em guerras. Tersandro, não só como ascendente de Terão, mas também como um paralelo ao tirano, permite uma transição natural para a terceira parte da ode (vv. 47 – 56). De Tersandro, a atenção volta-se a Terão. Menciona-se também a ocasião da vitória e o irmão Xenócrates, que é honrado por suas vitórias nos Jogos Píticos e nos Ístmicos. É interessante notar que ao elogio dos dois irmãos, que compartilhavam o sucesso de vencer em competições prestigiosas, segue-se a alusão mítica sobre o conflito entre os filhos de Édipo. Talvez a intenção do sujeito poético seja apresentar Terão e seu irmão Xenócrates como exemplos contrários e positivos para o fratricídio. Griffith (1991, p. 51) reflete acerca do sentimento que o fratricídio poderia ter provocado em Terão, por serem ele e Xenócrates “gêmeos espirituais, senão biológicos, cujo relacionamento próximo foi representado simbolicamente na *Olímpica* III pelos Tindáridas ou Dióscuros”⁶ (Tradução minha). O eu lírico, depois de enfatizar a herança

⁵ Griffith (1991, p. 50) anota que, na ode, só se menciona o nome de Polinices, que significa, segundo sua tradução, “de muito conflito”, e não o de Etéocles, que pode ser traduzido como “glória verdadeira”, uma escolha consciente para uma passagem cujo tom, segundo o helenista, é um pouco ameaçador.

⁶ "These brothers were spiritual, if not biological, twins whose relationship was emblemized in *Olympian* 3 by the Tyndarids or Diosuri (*Ol.* 3.1, 39)"

e o triunfo atlético que os dois compartilham, finaliza a terceira parte, retomando o que foi dito na primeira sentença gnômica sobre o esquecimento das coisas preteritas, comentando que “o êxito, quando se experimenta a disputa, dissipa as inquietações (vv. 51 – 2). Portanto, a vitória nos jogos atléticos é uma das coisas boas a ser lembrada.

Depois de tratar do passado mítico e dos êxitos atuais do atleta, na próxima parte, o sujeito poético projeta o futuro, isto é, o destino *post-mortem*. Uma sentença gnômica introduz o tema que ocupa a maior parte dessa ode (v. 57 - 83): a escatologia, muito controversa e discutida. A máxima reflete acerca da riqueza e de seu uso positivo, qual seja, conceder a quem a possui oportunidades e previsão do futuro, ou, como Torres (2007, p. 292) a interpreta, a possibilidade de conhecer a existência ulterior.

A escatologia começa com uma descrição sobre o julgamento dos mortos, exercido por alguém não nomeado. Por um lado, há os *apálamnoi phrénes*, “os espíritos perversos” (v. 57), que são castigados severamente por suas faltas cometidas no reino de Zeus, enquanto os “nobres”, os *esloí*, vão para um lugar onde os dias e as noites são iguais, e os habitantes, experimentando uma vida sempre feliz, não precisam mais de trabalhar para sobreviver.

Mas, além dos *esloí*, há ainda um terceiro tipo de indivíduos: aqueles que “ousaram, permanecendo de um e de outro lado por três vezes⁷, afastar completamente sua alma das injustiças” (vv. 68 - 70) e que têm um outro destino após a morte: : a Ilha dos Bem-Aventurados⁸. Enquanto o “eu” lírico não entra em muito detalhe em relação ao destino dos *esloí*, a Ilha dos Bem-Aventurados é descrito de modo bem elaborado.

A Ilha dos Bem-Aventurados é, segundo a ode, governada por Cronos, o deus regente durante a Idade do Ouro em Hesíodo, que, na luta pelo poder divino, foi destronado por Zeus, seu filho. Nesse lugar, o tempo é agradável, a natureza

⁷ Segundo a interpretação de Álvarez (2006, p.11), o poeta está se referindo a três vidas na terra e três no Hades.

⁸ Em *Trabalhos e Dias* de Hesíodo (v. 171) o lugar aparece como um grupo de ilhas: as Ilhas dos Bem-Aventurados. Píndaro converte as ilhas em uma só.

espetacular, e nele habitam também Reia, a esposa de Cronos, os heróis míticos Radamanto, Peleu, Cadmo e Aquiles.

A esse respeito, observa-se que, enquanto o eu lírico se limita a mencionar a presença de outros heróis na ilha, em relação à entrada de Aquiles nesse lugar, comenta-a em pormenor. Também se registram dois atos heroicos do filho de Peleu: a morte do herói troiano Heitor e, depois, a de Mêmnon, referido como “ Etíope, o filho de Aurora” (v. 83). Segundo a escatologia de *Olímpica* II, foi a deusa Tétis, mãe de Aquiles, quem assegurou a mudança do filho para a ilha, depois de ter convencido Zeus por meio de súplicas. Conforme a interpretação de Solmsen (1982, p. 20), a explicação de Aquiles estar na Ilha dos Bem-Aventurados devia-se à versão presente no Canto XI da *Odisseia* (vv. 467-540), na qual Odisseu se encontra com Aquiles no mundo sombrio do Hades, lugar para o qual se dirigiam as almas dos mortos. Para o público aceitar a variação pindárica do mito, continua o helenista (1982, pp. 20 – 1), o poeta utilizou um precedente homérico: Tétis já tinha conseguido, por meio de súplicas, a boa vontade de Zeus em favor de seu filho, ultrajado por Agamêmnon (*Ilíada* I, vv. 493-530). Da mesma forma, seguindo esse raciocínio, ela também lhe conseguiria “um lugar de honra entre os mortos” (SOLMSEN, 1982, p. 21).

Nisetich (1988, pp. 2 e 9) considera válida a interpretação de Solmsen, por ter este introduzido um novo caminho ao entendimento dessa passagem. No entanto, ao considerar outras obras poéticas, como o *Aethiopsis* de Arctino, na versão de Proclus, Nisetich vai além da hipótese do outro estudioso. No *Aethiopsis*, explica o helenista (1988, p. 1), Eos consegue da parte de Zeus a imortalidade para seu filho Mêmnon depois de ter sido ele morto pelas mãos de Aquiles. Em relação a essa passagem, Nisetich (1988, p. 12) aponta para a possibilidade de Píndaro ter adaptado a versão de Arctino, concedendo a Tétis, em vez de a Eos, a imortalidade para seu filho. Acerca da modificação do relato mítico, ressalta também o autor (1988, pp. 17-8) a possibilidade de um poeta, do porte de Píndaro, mudar a versão tradicional do mito segundo suas próprias convicções religiosas. Assim, o fato de Aquiles, explica o citado helenista (1988, p. 14), ter ido, segundo a narrativa homérica, para o Hades, e de Menelau, um

herói inferior ao Pelida, ter desfrutado uma vida eterna nos Campos Elíseos (*Odisseia*, IV, vv. 561-9), não deve ter sido bem aceito pelo poeta. Segundo a visão pindárica, certamente Aquiles, cujos atos heroicos, como já mencionamos, são citados nessa passagem de *Olímpica* II, também teria merecido um lugar de bem-aventurança no além.

Seja qual for o motivo de Aquiles ter sido incluído entre os heróis habitantes da ilha, a entrada dele ocorreu por intervenção divina, muito embora sejam destacadas suas ações heroicas. Uma questão, já muito discutida, consiste em saber se o poeta estaria insinuando que o destino *post-mortem* de Terão seria um desses dois lugares. Também foi questionado se essas concepções sobre o além pertenciam à religião do tirano siciliota ou à do próprio autor da ode, Píndaro.

Depois da escatologia, que termina abruptamente com a descrição das ações heroicas de Aquiles, começa a última parte da ode com uma referência pessoal: “Eu tenho muitas rápidas flechas debaixo do braço na aljava, compreensíveis aos inteligentes; para a massa há necessidade de intérpretes.” (v. 83-6). Segundo a interpretação de Sullivan (2002, p. 90), as flechas simbolizam a poesia que traz fama, e, portanto, o próprio poeta seria o arqueiro cujo poder é divulgar essa fama.

Note-se, ainda, que o eu lírico, além de qualificar-se como poeta, também avalia sua poesia, que só pode ser compreendida pelos inteligentes, que são, segundo o sujeito do enunciado, um pequeno grupo de pessoas que são sábias por natureza, isto é, por dádiva divina, uma concepção que se manifesta em outras odes de Píndaro (DONLAN, 1999, p. 104). Na poesia pindárica, anota ainda Donlan (1999, p. 97), a visão de que a excelência é diretamente ligada à estirpe é mais forte de que na poesia de qualquer outro poeta da época. Esse pequeno grupo contrasta, na ode, com a grande massa que precisa de intérpretes para entender a poesia, e que é comparada a “dois corvos⁹ violentos, que grasnem em sua loquacidade contra a ave divina de Zeus¹⁰!” (vv.87-8).

⁹ Os dois corvos podem representar, segundo a interpretação tradicional dos *scholia* (KIRKWOOD, 1982, p. 71), os dois poetas e rivais, Simônides e Baquilides. Não há, no entanto, como confirmar essa interpretação.

¹⁰ A ave divina de Zeus refere-se à águia. Race (1986, p. 71) comenta que Píndaro recebeu, posteriormente, o cognome “A Águia Tebana”.

Em seguida, o eu do bardo volta-se a seu coração, a seu *thymós*¹¹ que, segundo Sullivan (2002, p. 90), geralmente funciona em Píndaro como a sede de emoções, sejam positivas sejam negativas - e pergunta-lhe para qual alvo vai apontar as flechas. A resposta é Agrigento, que cria uma transição natural para o último elogio a Terão, na qual é repetida uma das qualidades pela qual o tirano foi louvado no início da ode: sua generosidade. De novo, menciona-se a grande massa, os homens insensatos, que não percebem e apreciam ouvir as belas ações dos *esthlôn*.

A ode termina com mais uma pergunta retórica, da mesma forma que ela começou: “E todas as alegrias que ele deu aos outros, quem as poderia numerar?” (vv. 99-100). Com o elogio à generosidade de Terão, nos últimos versos, e a pergunta retórica, cuja resposta é a mesma que a pergunta no verso 2, a ode volta para onde começou, completando o que se chama estrutura em anel.

Conclusão

Não é possível ter certeza se a escatologia presente em *Olímpica* II reflete a visão religiosa de Terão de Agrigento. No entanto, além de a ode ser dedicada ao tirano, também era por ele patrocinada, razão por que a grande parte dos helenistas sugere que o mecenas pelo menos se identificava com essas crenças escatológicas.

Se essas visões sobre o além também estavam de acordo com a religião do próprio poeta, é impossível deduzir. Woodbury (1991, p. 598), por exemplo, considera a transmigração de almas um dado atípico da poesia de Píndaro.

Além da questão religiosa, há também uma outra em relação ao destino que se pensava haver para Terão. As narrações sobre os ancestrais míticos do atleta revelam que tinham sido cometidos crimes que deixaram uma mácula na família. Mas como essa

¹¹ Como muitos conceitos gregos, não há um equivalente para *thymós*. Na tradução das professoras Onelley e Peçanha, o termo é traduzido como “coração”. Torres (2007, p. 273) o traduz como “ânima”. Segundo Sullivan (2002, p. 90) *thymós* em Píndaro funciona geralmente como a sede de emoções positivas e negativas, o que vem confirmar as traduções propostas.

mácula já teria sido expiada antes de Tersandro, ela também não poderia ter atingido o descendente Terão. Além disso, o sujeito poético ressalta várias vezes qualidades positivas que seu mecenas possui, qualidades necessárias à entrada em um dos dois lugares paradisíacos. Como o poeta deixa um maior espaço na descrição da Ilha dos Bem-Aventurados do que na alusão ao lugar de dias e noites iguais, talvez seja possível supor que a ilha fosse o destino do ilustre siciliota. Com efeito, o atleta não era só generoso e um bom governante, mas suas qualidades eram inúmeras que tentar contá-las seria tão difícil como contar os grãos de areia, como atestam os versos finais da ode.

Além da escatologia, destacamos alguns temas recorrentes na ode. Primeiramente, o tema das vicissitudes, que é expresso com a incerteza da condição humana e, de forma positiva, com o mito das filhas de Cadmo. Em relação a esse tema, como já vimos, o eu poético assegura que, embora tenham acontecido fatos funestos no passado, eles podem ser esquecidos com as coisas boas que vem depois, por exemplo, o sucesso e a alegria decorrentes de uma vitória nos jogos desportivos. Também os temas da justiça e da generosidade são importantes e ocorrem não só, em diferentes lugares, como qualidades atribuídas a Terão, mas também como características necessárias à entrada no lugar de dias e de noites iguais ou na Ilha dos Bem-Aventurados.

Por fim, recordamos os aspectos temporais que são significativos na ode. Observamos que o passado mítico, referente aos supostos ancestrais de Terão, e a vitória nos Jogos Olímpicos têm uma ligação direta com o mecenas, isto é, representam, respectivamente, o passado e o presente de Terão. Nesse sentido, seria também provável, para completar o ciclo temporal, que a escatologia representasse o futuro, não de qualquer pessoa, mas o do próprio atleta honrado em *Olímpica II*, o tirano Terão de Siracusa.

ABSTRACT:

The aim of this article is to do a critical-literary analysis of the epinician, the second Olympian, which is considered one of Pindar's masterpieces. As the mythical element is important in this subgenre of archaic lyric poetry, of which the main objective is to praise the winning athlete of a competition, the function of the myth will be investigated, as well as its relation to the athlete to whom the ode is destined, that is Theron of Acragas. Other elements will also be observed, like the gnomic sentences, the poet's first-persons references and the praise intended towards the athlete.

Keywords: lyric poetry; epinician; myth; Pindar; *Olympian* ode II.

Referências bibliográficas

ÁLVAREZ, Marco A. S. El Éden griego: las Islas de los Bienaventurados de Hesíodo a Platón. Instituto de Estudios Clásicos "Lucio Anneo Séneca" Universidad Carlos III de Madrid, 2006. p. 3-20.

CAREY, Chris. Genre, occasion and performance. In: BUDELMANN, Felix (ed.) *The Cambridge Companion to Greek Lyric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 21 – 38.

DONLAN, Walter. *The Aristocratic Ideal and Selected Papers*. Chicago: Bolchacy-Carducci Publishers, Inc., 1999. p. 77-111.

GRIFFITH, R. Drew. 'Oedipus's Bloodthirsty Sons: Love and Strife in Pindar's Second "Olympian Ode".' *Classical Antiquity*, vol. 10, no. 1, 1991. p. 46-58.

HESÍODO. Hesiodi theogonia, opera et dies, scutum, fragmenta. ed. F. Solmsen/R. Merkelbach/M. L. West, Oxford 1970. Disponível em: <http://www.hs-augsb.de/urg/~harsch/graeca/Chronologia/S_ante08/Hesiodos/hes_erga.html>. Acesso em: 22 de julho 2014

HIRATA, Elaine F. V. 'As odes de Píndaro e as tiranias siciliotas.' *Clássica*, vv. 9/10, 1996-7. p. 61-72.

HOMERI. *Ilias*. Ed. D. B Monro/Th. W. Allen, Oxford, Oxford University Press. 1920. Disponível em: <http://www.hs-augsb.de/graeca/Chronologia/S_ante08/Homeros/hom_ili00.html>. Acesso em: 22 de julho 2014

HOMER. *The Odyssey*. With an English Translation by A. T. Murray, PH. D. in two volumes. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd. 1919. Disponível em: <http://www.hs-augsb.de/graeca/Chronologia/S_ante08/Homeros/hom_od00.html>. Acesso em: 22 de julho 2014

KIRKWOOD, Gordon. *Selections from Pindar*. Chicago: American Philological Association, 1982. pp. 3 -5, 61-77.

LEFKOWITZ, Mary R. *First-Person Fictions: Pindar's Poetic 'I'*. Oxford: Clarendon Press, 1991. p. 1 -70.

LOURENÇO, Federico. 'Lirica coral e monódica: uma problemática revistada.' *Humanitas* 61, 2009. p.19- 29.

MALHADAS, Daisi. *Píndaro - odes aos príncipes da Sicília*. Tradução com introdução e notas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, 1976. p. 7-27.

ONELLEY, Glória Braga; PEÇANHA, Shirley Fátima G. de A. *Tradução de fragmentos de poetas gregos.*
www.academia.edu/.../O_epinicio_pindarico_uma_leitura_de_Olimpica_

NISETICH, Frank J. 'Immortality in Acragas: Poetry and Religion in Pindar's Second Olympian Ode.' *Classical Philology*. Vol. 83, no. 1, 1988. p. 1-19.

RACE, William. H. *Pindar*. Boston: Twayne Publishers, 1986. pp. 19-35; 67 -73.

ROCHA PEREIRA, Maria H. da. *Estudos de história da cultura clássica: I Volume – Cultura clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. p. 214-36.

_____. 'Notas a um passo de Píndaro.' *Humanitas* 4, 1952. p. 7 – 12.

SEGAL, Charles. Lírica coral arcaica. In: EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. (eds.) *Historia de la literatura clásica* (Cambridge University) I – Literatura Griega. Tradução por Federico Zaragoza Alberich. Madrid: Editorial Gredos, S.A.,1990. p. 188-92.

_____. Lírica coral en el siglo V. In: EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. (eds.) *Historia de la literatura clásica* (Cambridge University) I – Literatura Griega. Tradução por Federico Zaragoza Alberich. Madrid: Editorial Gredos, S.A.,1990. p. 249-63.

SOLMSEN, Friedrich. Achilles on the Islands of the Blessed - Pindar vs. Homer and Hesiod. *American Journal of Philology*. Vol. 103, 1982. p. 19-24.

SUAREZ DE LA TORRE, Emilio. 'Píndaro y la religion griega.' *Cuadernos de Filología Clásica (Estudios griegos e indoeuropeos)* 3, 1993. p. 67-97.

SULLIVAN, S. D. 'Aspects of the "fictive I" in Pindar: address to psychic enteties.' *Emerita*, vol. 70 - 1, 2002. pp. 83-93, 102.

TORRES, Daniel A. *La escatologia en la lírica de Píndaro e sus fuentes*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires. 2007. p. 267-360.

WOODBURY, Leonard. 'Equinox at Acragas: Pindar, *Ol.* 2.61-62.' *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 97, 1966. p. 597-616.

Data de envio: 1 de agosto de 2014

Data de aprovação: 1 de setembro de 2014

Data de publicação: 15 de setembro de 2014